

Mulher diz que não deixa local

“Eu não saio daqui nem morta, nem com toda a guarda armada. Outro dia veio um tenente e me deu cinco minutos para eu sair da esquina. Tenho 21 anos e não estou cometendo nenhum crime, tenho o direito de ir e vir. Vendo o meu corpo e só. Já não venho mais com bolsa porque tenho medo deles colocarem drogas dentro para me incriminar. A única coisa que trago é a camisinha e cola para colocar nos dedos. Se eles me levarem em cana não conseguem me identificar”, conta Karla que cobra, por programa, R\$ 80,00 a R\$ 100,00.

Pressão - Carina, 23, encurva o corpo para trás e dá uma gargalhada: “Podem botar até holofote em cima da

cabeça da gente que não ligo. Nesses últimos dias a rua está parecendo uma praça de guerra, tem mais policiais aqui do que gente. Em compensação, lá em Santa Maria, Samambaia, Ceilândia se procurar um policial a noite inteira não encontra. Só que lá estão matando pessoas, aqui a gente só dá prazer”.

Michele chega à rua por volta das 20h00 e só sai quando o dia amanhece. Já fazia ponto na quadra desde que a Queen's foi fechada e conta: “Aquilo foi abuso de poder, teve amiga minha que saiu algemada. A gente não sai daqui porque fazer um novo ponto é muito difícil e esta rua já virou até atração turística”. (PM)